

## RESENHA

### O FIM INACABADO DO CAPITALISMO: PRESOS NO EMARANHADO INEVITÁVEL DE CONTRADIÇÕES

Ricardo Lebbos Favoreto<sup>1</sup>  
Arnaldo José França Mazzei Nogueira<sup>2</sup>

#### RESUMO

Em "17 contradições e o fim do capitalismo", David Harvey estimula a dúvida quanto à naturalidade do capital e, ao mesmo tempo, desvenda mecanismos de funcionamento do capitalismo. A obra toma parte daquilo que o autor, em retrospecto, denomina "Projeto Marx". Os trabalhos que o integram visam ampliar o acesso ao intrincado pensamento marxista, cuja compreensão é prejudicada pela insipiência estada na rejeição e nas distorções promovidas pela direita, pelo dogmatismo característico da esquerda sectária e pelo academicismo que o complica ainda mais.

#### 17 CONTRADIÇÕES E O FIM DO CAPITALISMO

David Harvey. São Paulo, Brasil: Editora Boitempo, 2016, 297 p. (ISBN 9788580000000).

David W. Harvey

Harvey é inglês. Nasceu em 1935. É pesquisador marxista. Recebeu seu PhD pela Universidade de Cambridge. É reconhecido pelo desenvolvimento da moderna geografia. Seu curso sobre "O capital", de Karl Marx, foi amplamente difundido mundo afora. Sua obra abrange os campos da antropologia, geografia, economia política e teoria social.

A primeira palavra registrada em "17 Contradições" é "crises" – assim mesmo, fatalmente no plural. O livro "mais perigoso" de Harvey (palavras do autor) não é um manifesto da ausência de esperança, mas uma demonstração de que, a continuarem as coisas como estão, amargaremos ainda inumeráveis crises, cujos resultados não se assegura serem previsíveis. Podemos estar caminhando em direção à estremadura da civilidade, após a qual talvez haja apenas uma pequena greta; mas talvez se encontre um abismo. O livro, no entanto, não é desprovido de perspectiva. Pelo contrário. No fim de cada capítulo, o autor apresenta inspirações para um mundo alternativo e, no epílogo, preconiza 17 diretrizes (em correspondência às contradições) para "construir e, esperançosamente, animar a prática política" (p. 271). O Harvey que se ostenta ao leitor é um escritor maduro, cuidadoso com as ideias, capaz de perfilar proposições anticapitalistas contundentes, como a cessão dos meios de produção a associações populares (p. 272), e também de reconhecer que "o capital tem uma longa história de sucesso na resolução de seus problemas

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutor em Administração pela Universidade Nove de Julho. Professor da Universidade Estadual de Londrina. E-mail : [ricardo.favoreto@hotmail.com](mailto:ricardo.favoreto@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Livre-docente da Universidade de São Paulo. E-mail : [ajfranca@pucsp.br](mailto:ajfranca@pucsp.br)

ambientais” (p. 229). Em “17 Contradições”, o leitor não encontrará um ideólogo incauto, mas um pensador que argumenta sempre indicando fundamentos.

Não se pretende, com isso, dar a impressão de que se trata de um livro frígido. Não. Nele se encontram julgamento, censura, maledicência. A eloquência do autor deriva da própria realidade. Seus brados são os da humanidade. Se nos assustamos diante dos perigos analisados na obra, afligem-nos, na verdade, as ameaças do próprio mundo. Embora bastante amplas as discussões, não é, porém, com o mundo em geral que se preocupa Harvey. Seu escopo é o universo capitalista – especificamente: o capital.

As 17 contradições são agrupadas em três blocos. A Parte I contém as contradições fundamentais, na ausência das quais o capitalismo não funcionaria. Daí a denominação. Nenhuma existe isoladamente; apenas em conjunto. Inobstante o risco de reducionismo teórico, a sintetização empreendida permite uma leitura próxima da dialética materialista do capital. A Parte II contém as contradições mutáveis, aquelas instáveis, que variam ao longo do tempo. Significativamente, elas proveem dinamismo ao capital. São mutáveis devido a comportarem, em âmbito global, lutas diversas, quais as de classe e as de gênero. A atualidade do pensamento harveyniano é estampada em capítulos como “Tecnologia, trabalho e descartabilidade humana”, que, atizando o raciocínio do leitor, pode conduzir a reflexões sobre matérias palpitantes – inteligência artificial, internet das coisas, indústria 4.0. A Parte III contém as contradições perigosas, ameaçadoras da humanidade e do próprio capital – elas o arriscam, por exemplo, em consequência da gana pelo crescimento exponencial infinito.

O autor inicia o livro abrindo, cordialmente, a porta para o leitor. Antes de adentrar as contradições, pronuncia-se, no prólogo, sobre a crise atual do capitalismo e, na sequência, no capítulo introdutório, sobre o conceito de contradição. Em menos de cinco páginas, constrói-se uma prefação que toca em questões fundamentais para a compreensão da crise no contexto capitalista, tais como reconfiguração paisagística, desigualdade social, inovação, vigilância estatal – todas vivenciadas cotidianamente pelo indivíduo moderno. Prosseguindo, estreia-se um dos capítulos mais primorosos do livro, “Sobre a contradição”. Ao aprofundar-se no conceito de “contradição”, o autor tende a gerar no leitor aquele choque que se experimenta quando se percebe que um termo enunciado com frequência significa muito mais do que se imaginava. Trechos como “a contradição pode ser a ‘mãe da invenção’” (p. 17) instigam o leitor a repensar o termo. Em ponto alto do capítulo, o autor refere-se àquela entre realidade e aparência como a contradição talvez mais importante de todas.

Ainda na introdução, são expostos aspectos metodológicos da pesquisa, como a tentativa de “isolar a circulação e a acumulação do capital de todo o resto” (p. 20), estratégia alinhada com o objetivo principal de “analisar as contradições *internas* do capital, e não as contradições do capitalismo tomadas como um todo” (p. 22, destaque do autor) – explicação exordial que, de antemão, posiciona o leitor acerca dos contornos da obra. Minuciando a crise atual do capitalismo e a ideia geral das contradições que o assolam, o autor franqueia, assim, logo nas seções inaugurais, o acesso do leitor à significação do título do livro. Uma dúvida permanece, no entanto, e apenas é esclarecida a dez páginas do fim, no apêndice: por que 17, não outro número? Dezesete, responde o autor, é produto da sistematização feita por ele no retorno às obras de Marx, na tentativa de “reduzir as contradições a uma estrutura sistêmica com que pudesse lidar” (p. 278). Não há nisso, portanto, pretensão exclusiva. Se bem que, conforme se avança na leitura, o leitor é sugestionado a credenciar a visão de um autor veterano e persuasivo.

As primeiras sete contradições são abarcadas na Parte I. A número 1 é “valor de uso e valor de troca”, relação deveras notória mesmo no senso comum. É praticamente inexorável remeter a discussão à *Ética Nicomaqueia*, redigida por Aristóteles no século IV a.C., que reflete sobre o papel do dinheiro como espécie de viabilizador da reciprocidade: “todas as coisas que são objeto de troca devem ser comparáveis de algum modo, e para essa finalidade foi instituído o dinheiro” (ARISTÓTELES, 2006, p. 113). Passa-se, na sequência, às contradições “o valor social do trabalho e sua representação pelo dinheiro” (2) (que, outra vez, chama à memória a ética aristotélica), “propriedade privada e estado capitalista” (3), “apropriação privada e riqueza comum” (4), “capital e trabalho” (5), “capital como processo ou como coisa?” (6) e “a unidade contraditória entre produção e realização” (7). O conhecimento prévio da sociologia weberiana, especialmente a econômica e a jurídica, pode tornar mais proveitosa a degustação de alguns raciocínios feitos pelo autor, como aquele que liga direitos de propriedade privada à existência de poderes estatais e sistemas legais (no capítulo referente à contradição 3) ou aquele alusivo aos efeitos da mercantilização irrefreada (no referente à contradição 4). Sugere-se, para tanto, a leitura de “Economia e Sociedade” e, para clareamento do texto nada inequívoco consignado na obra póstuma de Weber, também da obra intitulada “Max Weber”, de Anthony Kronman, abalizado conhecedor do pensamento weberiano.

Como procedido em relação à Parte I, antes de iniciar a Parte II, o autor tece, entre as páginas 89 e 91, comentários gerais sobre as contradições mutáveis. Para isso, remonta à primeira categoria de contradições, as fundamentais, a fim de, a partir delas, distinguir as mutáveis. Abrange o segundo bloco as contradições “tecnologia, trabalho e descartabilidade humana” (8), “divisões do trabalho” (9), “monopólio e competição: centralização e descentralização” (10), “desenvolvimentos geográficos desiguais e produção do espaço” (11), “disparidades de renda e riqueza” (12), “reprodução social” (13) e “liberdade e dominação” (14). A leitura da segunda parte da obra convida à reflexões de fácil evidenciação na vida cotidiana. Espontaneamente, vêm à mente, no decorrer da leitura, autores que, cada qual ao seu modo (inclusive apoiando-se em referenciais diversos), tecem críticas que guardam alguma afinidade com aquelas desenvolvidas nesta parte, a exemplo de Thomas Piketty (particularmente, “O capital no século XXI”) e Ladislau Dowbor. Obras do economista polonês radicado no Brasil ajudam o leitor a estabelecer aproximações com a realidade nacional. A lista é extensa. Destaque-se, entre elas, uma obra recente sua, publicada em 2017, intitulada “A era do capital improdutivo: – a nova arquitetura do poder: dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta”. Ainda com relação a esta parte, cabe pontuar a proficuidade das discussões registradas no capítulo destinado à contradição 11 para aqueles que se interessam pelo estudo do espaço, cada vez mais instigante diante da complexidade presente no tempo atual.

Da mesma maneira como inicia a Parte II, o autor dedica algumas páginas (203 a 206) à prefação da formulação orientadora da seção seguinte, as contradições perigosas. O jeito como o autor posiciona a questão induz-nos à compreensão (de certa forma óbvia no contexto da obra) dos perigos como resultantes das contradições apontadas anteriormente. Compreende a Parte III as contradições “crescimento exponencial infinito”, “a relação do capital com a natureza”, “a revolta da natureza humana: alienação universal”. O leitor encontrará nessa porção da obra um autor alarmante, provocativo de ponderações provavelmente muito familiares. É esta terceira parte que, de modo direto, abre, no movimento retórico da obra, caminho para o estabelecimento do contraste com a conclusão, intitulada “perspectivas de um futuro

feliz, mas controverso: a promessa do humanismo revolucionário”, espaço em que o autor deixa transparecer, contundentemente, sua visão de um Marx “humanista revolucionário, e não um determinista teleológico” (p. 205).

Para fundamentar suas ideias, Harvey não poupa esforços. Conduz o leitor ao Tártaro. Páginas do livro confundem-se com algumas das páginas mais sombrias da história recente da humanidade. Revisitam-se, entre outras, a cartelização do tráfico de drogas, o *crash* mundial de 2007/8, a brutalidade policial contra os protestos estudantis no Chile – todos fatos ligados às contradições do capital. É o meio de que o autor se utiliza para demonstrar que, efetivamente, o capitalismo não anda bem. Para os leitores brasileiros, o livro, em muitos trechos, oferece um sabor (na maior parte das vezes, um dissabor) especial. Menções ao Brasil são fartas – os protestos vulcânicos ocorridos em São Paulo (p. 125), a desigualdade social (p. 158), o esgotamento do solo pelos cafeicultores (p. 238), entre outras. O Brasil não está imune às tribulações decorrentes das contradições do capital.

“17 contradições” toma parte daquilo que o autor, em retrospecto, denomina “Projeto Marx”. Os trabalhos que o integram visam ampliar o acesso ao intrincado pensamento marxista, cuja compreensão é prejudicada pela insipiência estuada na rejeição e nas distorções promovidas pela direita, pelo dogmatismo característico da esquerda sectária e pelo academicismo que o complica ainda mais. Inspirado em Marx, Harvey não deixa, apesar disso, de tecer críticas à esquerda. Censura, por exemplo, sua obsessão pela figura do operário, enquanto relega outros aspectos ligados à classe tão relevantes quanto aqueles referentes ao mercado e ao trabalho, como a subtração, pelas políticas de austeridade neoliberais, de prerrogativas humanas básicas (pp. 71 e 72).

Antes de finalizar a leitura da décima sétima contradição, já é possível ter uma ideia do tipo de fim que o autor declara. Não é cataclismo. O capitalismo, desde o princípio, porta seu próprio fim, uma vez que se funda em contradições. A primeira frase do livro, sem demora, entoia sua insensatez: “Crises são essenciais para a reprodução do capitalismo” (p. 9). Ora, caso se reconheça a validade da proposição, é inevitável que se questione a quem interessa um sistema que se perpetua, necessariamente, mediante crises. A infeliz resposta: a quase ninguém. Todavia, vemo-nos sempre diante de um impasse: o capital, com alguma competência, tem conseguido rolar os problemas que provoca, ainda que pela via da alienação, enquanto discussões políticas insuficientes têm-nos conduzido a um cenário parco de alternativas. “17 contradições” é, nesse sentido, um livro sobremaneira recomendável, porque ajuda a compreender o mundo e, como decorrência, politiza. Com segurança, como uma chama, define o que pode implicar o anticapitalismo e oferta motivos racionais para tornar-se anticapitalista. Ante a (quixá) consciência de que o custo de supervivência do capital é inconcebível para a maior parte da população, fica a promessa de um humanismo revolucionário que pode brotar da esperança incubada nas contradições.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- DOWBOR, L. *A era do capital improdutivo – a nova arquitetura do poder: dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta*. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017.
- HARVEY, D. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

KRONMAN, A. T. **Max Weber**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015. v.1 e 2.